

BIBLIÔ Nº 4

Boletim eletrônico das bibliotecas da EBP
Junho 2012

Editorial

O quarto número do Boletim Eletrônico das Bibliotecas da Escola Brasileira de Psicanálise recolhe muitos registros e com eles a boa constatação de que seus membros escrevem. Além do lançamento do livro, editado pela Scriptum em parceria com a EBP, *Autismo(s) e Atualidade: Uma leitura Lacaniana*, organizado por Analícea Calmon, Márcia Rosa e Alberto Murta, que vem mobilizando este importante debate nas Seções e Delegações, também se poderá acompanhar neste Boletim outros lançamentos. Sobre o livro de Jorge Forbes, *Inconsciente e responsabilidade: psicanálise para o século XXI*, recentemente lançado em São Paulo na Livraria Cultura, publicamos aqui o comentário de Alain Mouzat, reservando para o próximo número a resenha da professora Leda Tenório de Motta, publicada no jornal *O Estado de São Paulo* no dia 2 de junho. Acompanhamos também o lançamento do livro de Celso Rennó Lima, *Psicanálise Caso a Caso*, que na Seção Rio foi comentado por Ronaldo Fabião, bem como o debate com o filósofo Bernardo Barros de Oliveira promovido na ocasião do lançamento do livro de Marcus André Vieira, *A Paixão*, também na Seção Rio. Sobre o livro do nosso colega argentino, Luis Tudanca, *Una política del síntoma*, é José Marcos de Moura quem nos dá notícias.

No mais, efetivamente o **Bibliô** cumpre com sua proposta de recolher os comentários dos debates que as atividades promovidas pelas Diretorias de Biblioteca vem suscitando. Vale a pena conferir!

Maria Josefina Sota Fuentes

Lançamentos

INCONSCIENTE E RESPONSABILIDADE: PSICANÁLISE PARA O SÉCULO XXI de JORGE FORBES

Alain Mouzat

“Caro leitor... a única certeza que tenho é que só aí, com a sua leitura, este livro vai existir.” O convite feito por Jorge Forbes no Prefácio de seu livro, editado pela Manole, não é tópica de retórica. Deve ser levado nas suas consequências, pois se trata de uma elaboração da psicanálise que tem uma meta explícita: intervir no mundo. Em tempos de uma psicanálise ciosa em reafirmar seu distanciamento do mundo e suas especificidades que lhe permitiriam não ter que responder por sua

ação perante a sociedade, isso pode provocar espanto. Uma psicanálise mundana? Para quem ainda não conhece Jorge Forbes, bastará pôr o pé na ante-sala das “Provocações psicanalíticas” para entender que, ao inverso de uma proposta que tentaria colocar a psicanálise como apacadora das angústias do contemporâneo, deixando ao horizonte uma esperança de harmonia possível entre o homem e o mundo, sua proposta é radical: a psicanálise não é uma ferramenta de desresponsabilização, ao contrário, ela estende a responsabilidade ao que nem a lei mais rígida ousaria formular, ao inconsciente, ao acidente, ao acaso.

A psicanálise que Jorge Forbes elabora no seu livro não traz promessa de conciliação, ao contrário, reafirma a necessidade do confronto com o estranho no mais íntimo em nós, no inconsciente. E avisa: “o inconsciente do qual vamos tratar é aquele que leva o ser falante a se responsabilizar pela invenção de seu estilo singular de usufruir de seu corpo e de sua vida”.

Assim, Forbes começa distinguindo dois inconscientes: o inconsciente do homem traumatizado, aquele descoberto por Freud, que ele situa com uma análise precisa, apoiado em Lacan, Freud, Koyré, Foucault e Milner, como consequência do nascimento do sujeito da ciência, “sujeito sem qualidade”, e do surgimento da sociedade industrial com a produção de um excesso (mais valia e mais-de-gozar).

E um segundo, o inconsciente do homem desbussolado. Hoje, em razão do desmoronamento das estruturas verticais (família patriarcal, patrão, pátria) que organizavam o laço social e discursivo da sociedade industrial, o homem desbussolado não tem mais onde se ancorar. Fica, assim, mais à mercê da sua posição no discurso do capitalismo generalizado com o advento da globalização; seu gozo adere ao consumo, sem mediação do simbólico, sem a “dialetização” que permitiria a interpretação.

Outrora se denunciava a dupla moral da sociedade vitoriana, uma para uso público e outra, privada, do desejo escuso. Hoje a moral hedonista rejeitou as hipocrisias, mas o homem desbussolado há de se confrontar, não mais com desejos recalçados que lhe serão revelados, mas com um “mais forte do que eu” que se impõe a ele.

Por isso a psicanálise de hoje não pode ser a de ontem: se no século XX, ela tratava sintomas, fazendo aparecer por meio da interpretação a verdade do desejo; hoje os novos sintomas (violência inusitada, bulimia, fracasso escolar, etc.) se apresentam sem porquê, manifestam mais diretamente a pulsão, “não se servem necessariamente, diz Forbes, da metáfora paterna para cifrar o gozo auto-erótico” e, portanto são pouco sensíveis à interpretação.

Cabe, aqui, uma constatação: o quadro das mudanças do laço social da contemporaneidade pintado por Forbes poderia levá-lo a nos fazer uma descrição como a dos agourentos moralistas de nossos tempos: perda de valores, individualismo ferrenho, domínio econômico do capitalismo. Mas a conclusão dele é exatamente oposta: esse quadro é exatamente o que nos dá a chance de exercer nossa liberdade num novo laço social. O que se pode constatar é que, apesar dos desmoronamentos das estruturas verticais que pareciam outrora oferecer uma garantia, hoje existem outras formas do laço social que se manifestam e que seria de grande interesse observar.

Com uma sensibilidade atenta aos acontecimentos do mundo – o que é pré-requisito para o psicanalista – Forbes analisa algumas dessas manifestações: na música eletrônica que, só com seus batimentos, consegue juntar milhões de pessoas; na prática dos esportes radicais onde o risco está incluído na performance; no sucesso do Twitter e de sua mensagem de poucas palavras. Todas oferecem uma forma de laço social que não passa pelo entendimento do diálogo, mas por um estar junto que se satisfaz com um “monólogo articulado”: “Tá ligado?”. Não é preciso saber se o outro entendeu a mesma coisa, basta verificar que o outro também foi tocado. Passa-se – diz Forbes –, retomando uma oposição de Lacan entre *raisonner* e *résonner* – de um “raciocinar” a um “ressoar”, ou de uma palavra que diz a uma palavra que toca.

Qual ferramenta, para a clínica do homem desbussolado, pode-se extrair dessa forma de laço social? Forbes tem uma fórmula particularmente feliz: “em vez de emprestar sentido, emprestar consequência”. Ele a ilustra com exemplos da clínica de Lacan retirados do livro de Jean Allouch, *Allô Lacan...*

Forbes comenta que na clínica freudiana, ao interpretar, o analista introduz mais um significativo e permite à cadeia dos significantes continuar deslizando. Com isso, corre-se o risco de levar o paciente a pensar que o que ele diz não tem importância. Inversamente, quando o analista intervém confirmando a letra mesma da fala do paciente, se impõe a evidência de que não há verdade a se esperar num mais além: É isso mesmo.

Forbes cita um caso de Lacan relatado no livro de Allouch:

*O paciente chega, deita e depois de algum tempo fala:
Não tenho nada a dizer...*

Lacan responde:

“Pois é! Isso acontece! Até amanhã, meu caro.”

A fala do paciente solicitando a colaboração do analista recebe, ao invés de uma colaboração compreensiva, exatamente seu peso. Dar peso às palavras é precisamente recusar o papel tamponador do discurso que dilui a responsabilidade numa “intenção” comunicativa com a qual ele espera que o outro colabore.

Recusar a colaborar com a intenção, e trazer a fala às suas consequências, remete a um debate jurídico: pode-se responsabilizar alguém por intenções que ele não teve?

Para a psicanálise, sim. Forbes já avisou, tanto Freud quanto Lacan foram taxativos: o primeiro afirmando que somos, sim, responsáveis pelos impulsos dos sonhos, e o segundo ressaltando que “de nossa posição de sujeito somos sempre responsáveis”.

Disso resulta uma “ética da responsabilidade”, isto é das consequências.

Assim, se o sintoma aparecia como um significante do desejo recalcado que se poderia fazer desvanecer pela interpretação, ele aparece hoje como *sinthome*, retomando a grafia de Lacan a partir do Seminário XXIII, isto é, como um ponto que não tem sentido e que, portanto, não é passível de interpretação, com o qual o sujeito é levado a se identificar no final de análise e que tem a ver com sua posição de ser sexuado. Numa fórmula radical Forbes afirma “a responsabilidade psicanalítica, como única ética possível, incide sobre a sexualidade”.

A psicanálise que Forbes elabora se reivindica da “segunda clínica de Lacan”, mas não se trata de reconhecer nela uma continuidade com uma primeira: há ruptura. Como mostra Forbes, na apresentação do caso do paciente João. Há gozo do sentido inconsciente, e não se trata de recorrer à interpretação que “nutre esse gozo”. Há que se “desabonar do inconsciente”, isto é, chegar num ponto de encontro com o impossível a sustentar – no caso de João, a morte do filho – onde não há mais tributos a pagar ao inconsciente.

Responsabilidade, consequência, vergonha são, por certo, palavras que pertencem ao campo da psicanálise, mas, raras vezes, elas participam da composição de um quadro teórico rigoroso de uma clínica do real, até no seus desenvolvimentos clínicos, tal como nos oferece Jorge Forbes em seu livro.

Mas não é só a psicanálise teórica ou seus exemplos clínicos que fazem a importância desse livro: está também na afirmação da responsabilidade do psicanalista em transmitir a psicanálise no mundo. Na escola, na empresa, o psicanalista tem o que dizer. E particularmente no tocante à relação com a ciência. O exemplo da criação da Clínica do Genoma, apresentado no livro, nos mostra como isso é possível. Não há, sem dúvida, nada a esperar do cientificismo ingênuo que ainda paira sobre inúmeros campos das ciências e sobre inúmeros cientistas, mas seria uma afronta pensar que um cientista de ponta não tenha notado que toda ciência, ao iluminar seu objeto, cria uma sombra. A parceria profícua com Mayana Zatz, o sucesso do empreendimento, permitem vislumbrar que, como o demonstra Forbes, a psicanálise longe de se contrapor aos avanços da ciência, só encontrará neles campos para seu desenvolvimento.

Lacan fazia da inserção do psicanalista no mundo uma consequência de sua posição:

De todas as obras humanas que se propõe no século, diz Lacan (*Escrits*, p. 321) “a obra do psicanalista, talvez seja a mais alta, porque opera como mediadora entre o homem da preocupação e o sujeito do saber absoluto [...] Melhor seria que renunciasses a ela aquele que não pode alcançar no seu horizonte a subjetividade de sua época”. [...]

“Deve ele conhecer bem a espira onde sua época o arrasta na obra continuada de Babel, e deve saber sua função de intérprete na discórdia das linguagens.”

O livro de Jorge Forbes cumpre sua promessa de uma psicanálise do século XXI.

Ao leitor cabem as consequências de sua leitura.

Luis Tudanca. Una Política del Síntoma. Grama ediciones, 2012

Em seu novo livro “Una Política del Síntoma”, O Autor, em sua própria sentença, Retoma/Amplia /Precisa, o seu livro anterior: “De lo Político a lo impolítico. Una lectura del síntoma social”.

Luis Tudanca escreve como quem está em uma grande conversação psicanalítica da qual, participam cientistas políticos (Laclau, Espósito, Butler), psicanalistas (Freud, Lacan, Miller, Laurent, Aleman, Gorostiza), sinólogos (F. Cheng,, F. Julian), filósofos (Spinoza, Gramsci, Foucault, Deleuze, Milner), um antropólogo (Lévi-Strauss), jornalistas (Pissaro, Tamburrini) e escritores (Borges, Jauretche).

Em alguns momentos do texto, imprimindo uma relação precisa, Tudanca realiza um esforço a mais ao estabelecer sínteses dos conceitos dos autores aos quais interroga, percorrendo as diferentes vias dos trabalhos escolhidos sempre sob a perspectiva da Psicanálise de Orientação Lacaniana.

O texto ágil, estimulante, e surpreendente, explora os significantes que nos são caros, refletindo sobre o nosso século e nos posicionando firmemente no nosso campo.

Acompanhando a “conversação”, podemos indagar:

A Política não existe? Ou ainda A ciência não existe? Tanto uma, quanto outra são ficções?

A globalização é um novo empuxo ao singular, na medida em que promove o múltiplo e a multiplicidade? Ou promove a passagem do diferente a “mesmidade”, a “igualização”, a equivalência dos desiguais?

O racismo pode advir sem a ideologia racista? Existe afinal algo que poderíamos chamar de novos campos de concentração? Podemos falar de um racismo nosso de cada dia, nossa produção diária de ódio?

Será isso a orientação lacaniana: o encontro impossível com o pensamento chinês? Duas equivalências em que uma recria o dois e a outra propõe o três? A função intelectual é anterior a ideologia?

A ação política é universalizável? O que significa ser de esquerda no século XXI? E a Direita? O *fool* e o *knave*: um *fool* que termina em um *knavery* de grupo?

Essa conversação percorre esses caminhos e muitos outros, por um processo “que não chega a, mas conduz a, e se mede por seu resultado.”

José Marcos de Moura

SEÇÃO RIO

Por Andrea Reis

A Biblioteca da Seção Rio e a Comissão Scilicet promovem uma atividade conjunta para o debate do verbete "Incurável" de autoria do convidado **Celso Rennó Lima** e para o lançamento de seu livro "**Psicanálise Caso a Caso**". Convidado: Celso Rennó Lima - Apresentador: Ronaldo Fabião -Coordenação: Andréa Reis Santos (biblioteca) e Vanda Assumpção Almeida (Comissão Scilicet).

Em uma parceria entre a Comissão Scilicet e a biblioteca da Seção Rio recebemos Celso Rennó Lima que veio nos falar sobre o verbete de sua autoria que trata do "Incurável", e que foi publicado na última edição de Scilicet por ocasião das preparatórias para o Congresso da AMP sobre "A nova ordem simbólica no século XXI". Na mesma ocasião aconteceu o lançamento de seu livro "Psicanálise Caso a Caso" (Editora Scriptum) que reúne trabalhos apresentados em Jornadas e Congressos da EBP e AMP no período de 1986 a 2000 nos permitindo a acompanhar o desenvolvimento de seus estudos a partir dos impasses que a clínica lhe apresenta e o rico percurso clínico e teórico de Celso Rennó desde o seu encontro com o ensino de Lacan até o passe, cujo testemunho encerra o livro. Ronaldo Fabião fez uma detalhada apresentação do livro destacando dos textos os pontos em que se revelam a articulação entre os casos clínicos e a formalização teórica que Celso Rennó tem o trabalho de construir com precisão em cada um dos casos. Estes pontos foram amplamente explorados em um animado debate no qual o convidado teve a chance nos brindar com novidades sobre a sua clínica com a psicose e com as consequências que pôde extrair do período em que trabalhou na transmissão do passe como AE. 2/4/2012

Lançamento do livro Autismo(s) e Atualidade: uma leitura lacaniana. Convidadas: **Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros** e **Paula Borsoi** - Coordenação: **Ondina Machado**

Nesta data realizou-se na EBP-Rio no âmbito das atividades de Biblioteca, o lançamento do livro *Autismo(s) e Atualidade: Uma leitura Lacaniana*, organizado por Alberto Murta, Analícea Calmon e Márcia Rosa, editado pela Scriptum em parceria com a Escola Brasileira de Psicanálise. Participaram dessa atividade, Maria do Rosário Collier do Rego Barros e Paula Borsoi, numa mesa coordenada por Ondina Machado.

Abaixo alguns dos tópicos discutidos:

A primeira expositora foi Paula Borsoi que, fazendo referência a seu texto publicado nesta edição: “Os autistas e o uso do simbólico: Enigma e Invenção” amplia a dimensão política da discussão sobre os autismos ali apresentada. Aborda a diferença dos planos de discussão sobre a clínica do autismo hoje, na França e no Brasil. Na França trata-se de uma guerra declarada contra a psicanálise onde as altas autoridades de saúde não indicam a psicanálise como um tratamento para o autismo. Já no Brasil a questão é posta em outros termos. A lei que tramita no Congresso coloca o autismo no âmbito das deficiências, o que se por um lado parece retirar a possibilidade de tratamento analítico; por outro, ao preconizar tratamentos educativos de caráter multidisciplinar, permite que nessa brecha os psicanalistas se incluam.

Paula lembra que no número 172 de *Lacan Quotidien*, Alexandre Stevens fala que há um real em jogo no autismo, mas que a gente desconhece. Ressalta que politicamente é necessário que os psicanalistas saiam da reserva e deem testemunho do que podem fazer face a esse real. Afirma, ainda, que este não seria trabalho para um só profissional. Nem, também, poderíamos ser contrários às práticas clínicas que permitam uma maior inserção dos sujeitos autistas na vida civilizada. Trata-se, porém, de não nos deixarmos excluir desse conjunto de práticas e mais, de mantermos nossos princípios no exercício dessa clínica.

Outra questão levantada foi a importância da orientação no trabalho com os pais, tanto na França quanto no Brasil. Quanto a este aspecto, Paula lembra que foi inegável o exercício de uma certa prática culpabilizadora em relação, especialmente, às mães de autistas, por parte de certas psicanálises. O caráter acusatório dessas atribuições causais do autismo - como por exemplo o de que as mães teriam sido frias nas relações precoces com seus filhos - dentre outras, responde também pela resistência contra a psicanálise, apresentada hoje por parte de certos grupos de pais de autistas, organizados em associações. Uma reversão dessa perspectiva requer que escutemos a angústia desses pais e assim possamos ajudá-los a encontrar suas respostas para elas.

Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros, autora do artigo “A questão do autismo”, inicia sua apresentação convidando a platéia a que leve este livro para seus ambientes de trabalho para que a discussão sobre o tema dos autismos e suas práticas clínicas, se estenda a esses espaços.

Rosário retoma a Conferência de Éric Laurent realizada no Rio de Janeiro como atividade paralela ao V ENAPOL e publicada neste livro, onde se evidencia, a partir do testemunho dos próprios autistas, o amplo espectro dos casos, o que exige que falemos em autismos, no plural. Rosário lembra a indicação de Laurent para que não nos percamos no “embroglio” desse espectro, isto é, nos perguntarmos “o que perturba aquele sujeito autista?” A busca dessa resposta deve ser o norte dessa clínica.

Rosário afirma que o trabalho com as crianças autistas revela que o simbólico lhes aparece compacto, sem furo, e que elas podem incluir o furo, mas sem passar pelo falo. Certos atos da criança autista, que parecem puro horror, se revelam inícios da construção de um furo que permite separá-la dessa presença invasora do Outro, cujo desejo é indiscernível.

Rosário sublinha diferentes aspectos da Conferência de Laurent como também outras produções do Campo Freudiano que permitem que afinemos nossa prática clínica com os autistas. Destaca a matriz do tratamento do caso do menino Lobo apresentado por Rosine Lefort, e que está publicada na *Revue Cause Freudienne* n.66. Destaca também o texto de Serge Cottet publicado na *Lettre Mensuelle* n.306 onde este sublinha o sintoma como Um sozinho mas estruturado a partir do furo. No caso dos autistas o trabalho com o analista seria além de verificar o que o perturba, levantar quais os recursos que aquele sujeito tem, junto com o analista, para produzir uma saída sintomática para esse gozo Um.

Rosário destaca a importância, tanto no trabalho com a família como com as escolas, de se poder explicar o que invade a criança e validar junto à essas instâncias, as saídas que a criança encontrou. O que promove muito alívio nesses ambientes.

Ondina Machado trouxe também algumas informações quanto à crise do trabalho psicanalítico com autistas na França e sua diferença com a situação no Brasil. Destaca que lá o tratamento é pago pelo estado o que lhe permite uma ingerência de peso na autorização das práticas clínicas. De modo diferente, no Brasil, quando se procura o SUS para esse tipo de atendimento, o sujeito será encaminhado para um profissional concursado cuja escolha teórica, ainda no momento, não está em jogo. O que certamente nos dá mais liberdade.

Ondina sublinha também a importância de que sejamos capazes de dizer o que podemos fazer no trabalho com autistas. Lembra a dificuldade dessa empreitada pelo fato de que muitas vezes o que propomos vai de encontro às expectativas sociais. Porém tal dificuldade não nos pode fazer recuar.

Foi sugerido que o livro fosse lançado no âmbito do Serviço Público para ampliarmos a discussão sobre o tema, explicitando ainda mais a posição dos psicanalistas de orientação lacaniana sobre o tema dos autismos.

Marcia Zucchi – Comissão Biblioteca 9/4/2012

Laçamento do livro *A Paixão* de Marcus André Vieira. Coleção *Psicanálise Passo a Passo*, Editora Zahar. Convidados: **Marcus André Vieira** e **Bernardo Barros Coelho de Oliveira** – (*Mestre em Filosofia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ (1992) e doutor em Filosofia pela mesma instituição (1997). Professor associado do Depto. de Filosofia da Universidade Federal Fluminense. Atua no ensino e pesquisa de estética, filosofia da arte e história da filosofia.*) Coordenação: Ana Tereza Groisman

Nesta data, a biblioteca da Seção Rio promoveu um encontro para o lançamento do livro “A Paixão”, de nosso colega Marcus André Vieira. O tema instigou um interessante debate entre nosso convidado, o filósofo Bernardo Barros Coelho de Oliveira, o autor Marcus André e os demais participantes do encontro. Oliveira, professor do Departamento de filosofia da UFF, trouxe interessantes contribuições ao escrito contido no livro. O debate favoreceu a um diálogo entre a filosofia e a psicanálise, nos propiciando uma instrutiva contextualização acerca da temática da “Narrativa de si”, a qual teve as suas especificidades contrapostas por Oliveira em relação a outros tipos de narrativa, como a “histórica” e a “ficcional”. A abordagem favoreceu o debate, no qual foi possível rearticular conceitos importantes para a prática psicanalítica como, por exemplo, o caráter inédito de uma narrativa possível de se construir em análise. Trazendo elementos originais à discussão, Marcus André, assim como em seu livro, busca na cultura e na arte, argumentos para falar do que há de “demasiadamente humano em nós”. **Ana Tereza Groisman** – Comissão Biblioteca **16/04/2012**

Mural das Bibliotecas

Próxima atividade: Dia 28 de maio de 2012 no Cine Maison. Apresentação do Documentário de Gérard Miller “Rendez vous Chez Lacan” seguido de debate.

Convidados: **Cristina Duba**, Membro do Conselho da Seção Rio da EBP, Maria Silvia Hanna – Coordenadora da Comissão de Ensino do ICP-RJ, Diretora Adjunta da Seção Rio da EBP. Coordenação: Mirta Zbrun

SEÇÃO BAHIA

Por Ricardo Cruz

Relatório da Biblioteca - Maio 2012

Apresentamos resumo da gestão dos meses de janeiro a maio de 2012, promovidos pela Diretoria da EBP-Ba em conjunto com a Diretoria de Biblioteca da EBP-BA, conforme solicitado pela coordenação de BIBLIÔ.

1 – A Biblioteca passou a funcionar a partir de Janeiro em sala térrea, mais ampla que anterior, com ampliação de espaço e iluminação, melhorando e ampliando também o conforto dos usuários. No momento estamos funcionando sem bibliotecária, mas estamos nos disponibilizando para nova contratação deste profissional, sem resultados positivos até o momento.

2 – Ao acervo de livros e revistas já existente a atual gestão acrescentou, ao todo, entre doações e novas aquisições, um total de 71 (setenta e um) novos títulos que interessam a psicanálise de orientação lacaniana. A relação completa das aquisições, depende de uma correta catalogação, porém pela falta de profissional bibliotecário ainda não foi possível concluí-la.

3 – Eventos:

3.1 – Em 18/4/12 – Lançamento do livro **AUTISMO(S) E ATUALIDADE – UMA LEITURA LACANIANA**. Na ocasião houve mesa de apresentação do livro e dos textos sob a coordenação de Analícea Calmon, com a participação dos autores da Bahia, seguindo-se debates.

3.2 – Exibição de Filmes:

1) **SEGREDOS DA ALMA** de G. W. Pabst, em 02/3/12 – Tratando-se do primeiro filme psicanalítico oficial, este filme foi ilustrativo para a aula **A Teoria das Pulsões em Freud**, a cargo do psicanalista Paulo Gabrielli, para os alunos do curso de Especialização de Orientação Lacaniana da EBP-Ba. e IPB.

2) **A PELE QUE HABITO** de Pedro Almodávar, em 02/05/12 – Exibido para o Núcleo de Psicanálise. Comentários a cargo das psicanalistas Marcela Antelo e Júlia Solano.

4 – DVD's de Filmes.

Foram incorporados à Biblioteca os seguintes DVD's dos documentários:

1 – Television (1974) Jacques Lacan e Jacques-Alain Miller.

2 – Nossas Inquietudes (2003) Judith Du Pasquier.

3 – Rendez-Vous Chez Lacan – Gerard Miller.

SECÃO SÃO PAULO

Por **Maria Bernadette Soares de Sant'Ana Pitteri**

LACAN CAUSALISTA

Miller, na Aula 13 do Seminário da Orientação Lacaniana *O Ser e o Um* de 18 de maio de 2011, afirma que Lacan é “eminentemente causalista”, referindo-se ao uso que este faz do sentido de ‘causa’ em Aristóteles e Descartes especialmente, trazendo inovações a um campo que já se considerava ultrapassado.

Da *Física* de Aristóteles ele extrai importante ferramenta conceitual, transformando *tique* e *automaton* em dois modos de repetição¹: repetição como *automaton* associada à homeostase, à manutenção do equilíbrio; repetição como *tique* é tem lei e irrompe como um encontro, introduzindo uma alteridade e atrapalhando a harmonia homeostática. Em *A Ciência e a Verdade*² ele assimila as quatro causas aristotélicas à quatro discursos, ensaio que não retomou: à magia ele atribui a causa eficiente, à religião a causa final, à ciência a causa formal e à psicanálise a causa material (este material é o significante). No *Seminário 11* Lacan faz um percurso de Freud a Descartes demonstrando que o sujeito do inconsciente freudiano é o sujeito cartesiano, além de trabalhar a causa eficiente.

Miller observa que, na *3ª Meditação*, Descartes isola a causa eficiente reabsorvendo as outras três estudadas por Aristóteles na *Física* o que o leva a concluir que, de acordo com o princípio da causalidade, na causa eficiente deve haver tanta realidade quanto em seu efeito.

“... é coisa manifesta pela luz natural que deve haver ao menos tanta realidade na causa eficiente e total quanto a seu efeito: pois de onde é que o efeito pode tirar sua realidade senão na causa? E como poderia esta causa lha comunicar se não a tivesse em si mesma?”³.

A “luz natural” em Descartes não resulta de uma dedução, mas implica evidência axiomática, sem a qual seria impossível pensar ou meditar (no sentido cartesiano). Esse axioma repousa sobre a cisão entre causa e efeito, sendo que Lacan enfatiza esta descontinuidade e a ela “permanece fiel ao longo de todo o seu ensino” (Miller).

O axioma cartesiano da luz natural faz com que o sujeito encerrado em sua cogitação possa afirmar a existência de algo fora dele. Ao aplicar o axioma da causalidade às ideias, Descartes dá nascimento à realidade psíquica: as ideias no *cogito* não poderiam ter surgido do nada, pois “o nada não poderia produzir coisa alguma” e se há no *cogito*, que é finito e limitado a ideia de um ser infinito e ilimitado, é porque essa ideia veio de fora do sujeito, veio do ser infinito e ilimitado. Esta causalidade subtrai a cogitação da maldição da alucinação e Deus passa a garantir a existência do mundo exterior, destruído na *1ª Meditação*.

Lacan enquanto causalista renova o sentido de ‘causa’ no século XX, época em que esta noção se tornara obsoleta. Ele elaborou três instâncias da causa - imaginária, simbólica e real - que não se substituem umas às outras, mas marcam diferentes tempos da experiência analítica. Miller propõe apresentar as instâncias da causa para ordenar a dinâmica da experiência até o ponto em que esta ultrapassa o passe e desemboca no ultrapasse.

Causalidade Imaginária

Nas “*Formulações sobre a causalidade psíquica*” (1946) Lacan inicia um novo período de sua trajetória, começo retomado em 1953 com “*Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise*” início de seu ensino sob a forma de seminário. Em “*Para além do ‘Princípio da Realidade’*”, primeiro

¹ *Seminário 11*, p.55 a 65 em português.

² Lacan, *Escritos*, p. 869.

³ Descartes, René. *Meditações*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (*3ª Meditação*, p. 103/104).

texto escrito sobre Psicanálise, Lacan apresenta uma fenomenologia da experiência que permite isolar a instância da fala como central e a partir daí opor a função do real e do verdadeiro, dirigindo o real para a ciência e o verdadeiro para a psicanálise.

Nesse início, Lacan afirma a imagem como causa da realidade psíquica, imagem que mergulha no inconsciente. Ele usa o termo *imago*, sendo 'identificação' o nome da causalidade imaginária que ele explora no estádio do espelho (encenação da causalidade imaginária). Na causalidade imaginária Lacan se refere ao comportamento animal e à liberdade, conjugando o sublime da liberdade humana ao comportamento animal (não sem certa ironia). É preciso observar que na psicanálise há um momento imaginário, momento inicial em que a questão "quem sou eu?" encontra respostas em termos de imagem.

Causalidade Simbólica

Lacan vai se referir à causalidade simbólica até seu finalíssimo ensino, juntando ao inventário de semelhanças (imaginário) o dos ditos, acontecimentos de fala que tiveram valor de verdade e até de oráculo. Trata-se de 'inventário' porque não há sistema e sim, como diz Miller "uma extraordinária contingência de acidentes".

Lacan destitui a causa final e o inventário dos ditos realça a contingência do que sobrevém e dá ao inconsciente sua figura, sua armadura significante. Os acidentes do significante causam efeitos de sentido e tecem uma estrutura de ficção verídica, de verdade mentirosa, integrando as sucessivas *tiquês* à homeostase, ao *automaton*. Ele formulou as leis que ligam o significante aos efeitos de sentido – metáfora e metonímia – mas isso não impede que a identidade do sentido permaneça marcada pela contingência em relação à causalidade significante.

Ele reconheceu na fantasia isolada por Freud o efeito maior da causalidade simbólica, isto é, a fantasia como entidade imaginária articulada pelo significante (Freud, *Bate-se numa Criança*), deslocando para a fantasia o que atribuía à imago, o que mostra o peso do imaginário na realidade psíquica para Lacan. Ou seja, mesmo quando a formulação é comandada pela causalidade simbólica, a referência ao imaginário é central e a prova é que Lacan situa a conclusão da análise no nível da fantasia, em termos de travessia de um véu ou acesso a uma janela.

Causalidade Real

Real é a causa livre da imagem e do sentido, cujo efeito central não é a imagem ou a fantasia (que é a imago capturada), mas o *sinthoma*. Pode-se falar de uma série: imago, fantasia, *sinthoma*. O *Sinthoma* é difícil de cingir, não tem balizas no imaginário e nem no sentido, não é da ordem da ideia ou da representação.

Miller coloca *ideia*⁴ em oposição à *energeia*⁵, cujo nome lacaniano é 'gozo'. *Idea* é a quididade, a essência, enquanto *energeia* é sem quididade, não se pode dizer o que é, mas apenas que é. A distinção tradicional permite formular, em relação ao que é da ordem imaginária e simbólica, o nível real do *il y a* (há): este 'há' refere-se à *energeia*.

O *Yadl'un* (Há o Um) é a fórmula de redução do simbólico, redução da articulação para extrair como essencial, o que resta da articulação. Lacan o formula quando diz que o *Sinthoma* é *um etc.* e o *Yadl'un* (Há o Um) reduz o simbólico ao etc.

A fórmula, *não há relação sexual* é correlativa do *Yadl'un* – não há dois, 'dois' já está no nível do delírio – há o Um que sempre se repete.

Uma terceira fórmula, 'há o corpo', já está presente no título de *Encore (en corps)*. No nível da *energeia* o Outro do significante é o Outro do corpo e seu gozo. Uma vez o discurso no nível do real, livre da relação sexual, desnuda-se a conjunção do Um com o corpo.

Lacan traz as consequências da clivagem introduzida por Freud entre o *inconsciente* e o *isso*, *inconsciente* enquanto recalque e verdade que demanda ser dita e *isso*, lugar onde estão situadas as

⁴ *Idea*, do grego *ἰδέα, αζ* tem o sentido de aspecto exterior, aparência, forma, de onde se segue: forma distintiva, caráter específico, maneira de ser. No sentido dado por Platão, a ideia ou forma ideal é concebível pelo pensamento sendo cada objeto material reprodução imperfeita desta. Num sentido geral, concepção abstrata em oposição à coisas concretas.

⁵ Do grego *ἐνέργεια, αζ* é força em ação, atividade e por extensão, ação ou funcionamento de um mecanismo, ato em oposição à *δύναμις* que é a força em potência.

pulsões. No nível da causalidade real dá-se consequência à existência do *isso*: o *inconsciente* é um lugar de ser, o *isso* é lugar de gozo encarnado no corpo e o que Lacan chama de corpo é a encarnação do *isso* freudiano. Do lado do *inconsciente* tem-se ficções verídicas que descobrem uma verdade mentirosa e do lado do *isso* tem-se uma existência da qual não se pode isolar a falta-a-ser.

O que Lacan chamou de passe é o momento em que uma análise entrega ao analista seu ser, momento em que, percorridos os efeitos da causalidade simbólica obtém-se uma redução da ficção que se estabelece em termos de falta-a-ser – a isso Freud chamou castração e os pós-freudianos investigaram como objeto pré-genital. É um momento da análise no qual se passa do *inconsciente* ao *isso*.

Ultrapassado esse momento, mais além do passe, desnuda-se a existência que persiste para além da falta. Produzida a deflação do sujeito esvazia-se a ficção com a qual o desejo se sustentava em sua relação com o Outro. Freud sabia que para além havia restos sintomáticos, mais além do ser do desejo e de sua solução estaria o gozo, a conjunção do um com o corpo, o acontecimento de corpo.

O ultrapasse tem que se haver com acontecimento do corpo, com o gozo que se mantém mais além da resolução do desejo, gozo que se mantém além do pai edipiano e do sentido proposto para resolvê-lo (o que sempre é um engodo, pois achata o gozo sobre o desejo). Trata-se de saber se há um itinerário do *inconsciente ao real* (título do penúltimo capítulo do Seminário XXIII, *O Sinthoma*).

Freud situou o real no nível da energética psíquica, Lacan propôs outra ideia de real, representado como o nó borromeano e com variações deste nó, o que marca desde o início, o real por uma anfibologia⁶. Numa face, este real apresenta-se como uma articulação, uma cadeia (tríplice dos três aros), ou seja, como um saber, pois há ali uma articulação; sob outra face não se trata de articulação, mas de uma entidade com furo.

Para Lacan o furo tem propriedades que diferem do nada cartesiano, e enquanto a falta em torno da qual gira o desejo está no nível do ser, o furo está no nível do real. O finalíssimo ensino de Lacan exalta o furo que vem no lugar da função edipiana da interdição e de todas as significações que ela acarreta.

Para ele, por meio do efeito de furo, trata-se de dar existência ao puro *il n'Y a pas* (não há), o que ajuda a orientar no espaço do ultrapasse. No passe definido por Lacan o sujeito relata o que pode fazer com a falta-a-ser à qual teve acesso, mas no ultrapasse ele tem que se haver com o furo.

Resolvida a questão do Outro, mais além do passe está a questão do Um, o sujeito sabe se falar sozinho, sabe ter reduzido o delírio por meio do qual ele pensava se comunicar com o Outro da verdade. O paradoxo é que ele deve consentir com a ficção do Outro da Psicanálise, enquanto que o ultrapasse o cingiu como sujeito em sua solidão; no entanto é vital consentir nesta ficção, pois é ela que ele vai por a trabalho em sua prática.

DELEGAÇÃO PARAÍBA

Por Vânia Ferreira

A Delegação Paraíba teve a alegria de realizar o lançamento do livro: Autismo(s) e atualidades: uma leitura Lacaniana. Diante de um público atento, iniciamos um debate, cujas convidadas, Sandra Conrado e Glacy Gorsky, desenvolveram uma entusiasmada discussão em torno da questão do autismo tanto em relação ao tratamento psicanalítico quanto em relação a toda uma polêmica deflagrada na França onde foi aberta uma campanha com o objetivo de excluir a Psicanálise do tratamento com sujeitos autistas. A questão do autismo foi destacada como não se limitando ao clínico e ao epistêmico, mas se estendendo ao político. O discurso cientificista, orquestrado pelas terapias comportamentais e desenvolvimentistas estão causando um verdadeiro rebuliço em toda comunidade orientada pela Psicanálise de Freud e Lacan. A psicanálise precisa se posicionar ética e politicamente no seu trabalho de transmissão, no seu trabalho clínico, nos seus testemunhos em que se privilegia a singularidade do sujeito e não um sujeito adestrado e condicionado a técnicas sócio-educativas. Sob o ponto de vista do tratamento, destacou-se a via do *sinthome*, trazida pelo texto de Laurent no sentido em que o retorno do gozo não se efetua nem no lugar do outro (como na paranóia), nem no lugar do corpo (como na esquizofrenia), mas sobretudo em uma borda, que seria a construção de um espaço de jogo, equivalente ao espaço dos equívocos como de dá nas neuroses.

⁶ Em Aristóteles e na linguística moderna, duplicidade de sentido numa construção sintática.

Os textos de Laurent e Rosário foram amplamente explorados, gerando uma rica discussão, causando o interesse e envolvimento do público presente. Foi uma grande noite da Biblioteca!

DELEGAÇÃO PARANÁ

Por **Teresa Pavone**

NOITE DA BIBLIOTECA: Psicanálise e Direito- 2011

Em outubro de 2011 ocorreu na Delegação Paraná da Escola Brasileira de Psicanálise na “Noite da Biblioteca” um fecundo debate sob tema: “O Sujeito do Direito na Contemporaneidade e o Sujeito do Inconsciente na Nova Ordem Simbólica”. O tema foi inspirado no título do VIII Congresso Mundial de Psicanálise da Associação Mundial de Psicanálise: **A ordem Simbólica no Século XXI – Não é mais o que Era. Que consequências para a Cura-** que ocorreu recentemente em Buenos Aires- em abril de 2012.

Os convidados que animaram o debate foram:

Dr. **Francisco Carlos Duarte** - Pós-doutor em Direito. Prof. Titular dos cursos de graduação, mestrado e doutorado da PUCPR. Pesquisador do CNPq. Procurador do Estado do Paraná.

Psicanalista Dra. Nohemí I. Brown (EBP/AMP). Doutora e mestre no programa de psicanálise revalidação UFRJ.

O tema instigante oportunizou verificar qual a possível interlocução entre : direito e psicanálise, dois campos incidentes nos discursos mestres contemporâneos que afetam os modos de vida em nossa sociedade. Dois discursos que, de uma forma ou de outra, tratam da regulação dos laços entre os semelhantes.

Interrogou-se: Qual é a nova ordem simbólica que determina a subjetividade humana? Quais suas consequências, para o Direito e para a Psicanálise?

A partir da psicanálise, sabemos que cada era tem um modo de viver a pulsão e que Lacan chamou o discurso moderno de discurso capitalista como aquele que reina um sujeito insastifeito e dividido, não pelo inconsciente, senão pelo mercado de consumo. O mundo nos convoca a inventar novas formas de laço social. Estamos diante de novos arranjos familiares, excessos de fracassos escolares, depressões vertiginosas, epidemia de violência e drogas que corrói o tecido social e banaliza a autoridade do Direito. Qual a força da Lei em tempos sombrios, onde reina o gozo e a pulsão de morte? O termo sujeito exige algumas precisões, o sujeito do Direito não é o mesmo sujeito de que se trata na Psicanálise.

O Sujeito contemporâneo não é referido a um saber unificado, o sujeito pós-moderno seria um sujeito sem paradigmas de consenso como, por exemplo, ocorre em relação às mudança dos costumes sexuais, ou em relação às mudanças ideológicas, fazendo do sujeito pós-moderno um sujeito que se pauta na ausência de ideais pré-estabelecidos. Surge uma multiplicidade de novos semblantes oferecidos pelo mercado globalizado.

O analista entenderá sua época a partir desses novos semblantes que servem para distribuir o gozo, existindo hoje uma tendência de procurar o gozo sem que haja a mediação do Ideal, caracterizando a subjetividade moderna e pós-moderna. Em suma cabe à psicanálise criar espaços de reflexão e interlocução com outros campos para compreender melhor sua prática e seu lugar entre os outros discursos.

Após esta introdução do tema por Teresa Pavone, Dr. Duarte nos apresentou uma retrospectiva breve da História do Direito para situar o Discurso Jurídico na atualidade, e apontou que o Direito, o Estado tendo em vista a concepção de proteção às minorias chegou ao discurso do direito humano e assim segue a lógica pós-moderna, a lógica da globalização tornando-se plural. O seu Ideal é reduzir a complexidade dos conflitos sociais. O Direito pós-moderno pretende defender a cidadania. Duarte afirmou que ocorreu uma mudança no Direito, do Interesse Público para o Direito Social, coletivo. O Direito tornou-se Global, inventou-se um Direito advindo da Globalização. O conceito de Segurança Jurídica permeia esta nova configuração do Direito que tem que garantir a função reguladora. O princípio de responsabilidade se instaura com a crise da autoridade e o direito tem a intenção de controlar o impossível.

O Direito se apropria das invenções do novo mundo, do conceito de redes, da tecnologia, e assim está se tornando tecnológico. Em consonância com os discursos mestres atuais concebe o sujeito pelo comportamento, conforme ou divergente, situando assim o sujeito ético para o Direito. A ambição do Direito é controlar, regular, é ser o guardião da Ordem Simbólica que não é a mesma ordem simbólica para a Psicanálise.

O mundo contemporâneo é regido pela eficácia e para cada problema corresponde uma solução. O imperativo pragmático empurra à busca de soluções, não importa quais sejam, a ideia é que, ao problema se deve encontrar uma solução que sustente o bom funcionamento. Um mundo regido pela utilidade. Trata-se de que: aquilo que não é útil se descarta, não serve, trata-se do desencantamento do mundo, um novo mundo utilitarista, que visa uma utilidade direta que afugenta a poesia, a psicanálise não coincide nunca com este lado da utilidade pública, senão, entra pelo lado da poesia. (Miller Psicanálise e Sociedade- em revista Freudiana/43/44- 2005)

Dr. Duarte também discorreu sobre a sociologia do conhecimento e nos agradeceu com a referência de Niklas Luhmann (sociólogo alemão que aplica o conceito dos sistemas autopoieticos ao direito). Luhmann apregoa que o direito, em seu viés autopoietico, se (re)cria com base nos seus próprios elementos. Sua autorreferência permite que o direito mude a sociedade e se altere ao mesmo tempo movendo-se com base em seu código binário (direito/não-direito). Dr. Duarte nos apresentou assim, a arquitetura da sociedade contemporânea composta de sistemas, onde cada sistema é a solução para os problemas sociais, tratando-se de sistemas fechados, autistas - O Mercado, a Ciência, a Educação, o Direito, a Arte e a Política, sendo que é na Arte o lugar onde podemos literalizar o UM. Pontou ainda que cada sistema tem um código binário para entrar, e que a rigidez das regras segundo esta visão exclui o sujeito. São três sistemas gerais: Social, Biológico e Psíquico, somente no terceiro nível entraria o laço social.

A psicanalista Nohemí afirmou: Não há acordo entre Psicanálise e Direito, para o tratamento analítico, para a questão clínica, é necessário manter uma tensão entre os discursos: Psicanálise e Campo Jurídico, Psicanálise e Saúde Mental, Psicanálise e o Ideal da Ordem Social. O sujeito Jurídico e o sujeito Social encontram-se confundidos com o direito da clínica na Saúde Mental.

Os dispositivos de avaliação, a mediação e os comitês de ética são subsidiários do que Jacques A. Miller e Eric Laurent denominaram O Grande Outro que não existe, caracterização que dá conta do desfalecimento do Outro como único e que se modaliza sob uma pluralidade de formas onde já não há um só modo de regular os laços.

O descobrimento do inconsciente não só teve incidência nos costumes, como também no campo jurídico, mudou o espírito da lei. A prática freudiana abriu as vias de uma liberação de gozo, ao tratar de liberar repressão que se encontrava como causa da histeria e da neurose obsessiva.

A Dra. Nohemí, tomando os postulados de G. Agamben sobre a fragilidade entre o sujeito do direito e do homem, ressaltou que existe uma relação paradoxal entre Psicanálise e Direito. O Direito pretende regular o gozo singular e legislar-lo. O Sujeito do Direito comporta a universalidade, neste sentido aproxima-se do sujeito da Ciência – “Todos têm direito à...” Proclamam o direito igual para todos. Hoje assim observamos a preocupação absoluta pelas cifras e pelo controle.

Porém é uma relação paradoxal, pois a psicanálise também nasceu da revolução francesa, do Iluminismo e o Sujeito se introduz a partir do Direito. Como diz Lacan o sujeito do direito é o mesmo que o da psicanálise enquanto sujeito responsável. O Sujeito é uma resposta e este vai se fazer responsável por ela. O que se observa hoje é o utilitarismo substituindo a responsabilidade e a perda do valor da palavra, não existe peso em se declarar culpado ou inocente. É necessário confirmá-lo pelos exames laboratoriais dos quais as series televisivas sabem se aproveitar muito bem. Já para a psicanálise a palavra, a implicação e a responsabilidade são os fundamentos de sua práxis.

DELEGAÇÃO Geral MARANHÃO: ESTÔMAGO, Filme de Marcos Jorge, 2007

Meus amigos que viram este filme ficaram desamparados e incomodados depois de tal contato com um material arcaico que toca as paredes de nosso psiquismo e também as ‘paredes’ da condição humana. Mas vamos falar do que esse filme conta, apresentando pensamentos que provocou em mim.

A coisa toda começa com o nascimento do gorgonzola, um queijo podre que vira no filme um símbolo, também, do aleatório, da chegada fortuita a este mundo, onde esse alimento foi recebido primeiramente com indiferença, mas depois o gorgonzola teve o destino célebre que já conhecemos. Porque este filme fala exatamente disso: como o aleatório tenta virar destino educando as pulsões dentro das duas dimensões: o tempo e o espaço - dimensões que definem o sujeito, segundo a psicanálise e a filosofia.

.Tempo um: fora

Um imigrante chega à São Paulo como apenas mais um grão de pipoca estourando na panela. Ele se chama Raimundo Nonato - não nascido - porque veio ao mundo depois de uma complicação que matou a mãe de maneira sangrenta durante o parto. Do pai não sabemos nada. Raimundo vem do Nordeste,

uma terra cruel e arcaica que aparece frequentemente em diversas obras. De Euclides da Cunha até Walter Salles passando, claro, por Clarice Lispector. Isso para não falar dos estereótipos e projeções que inundam o Sul-Sudeste do país.

Nonato tem que achar um lugar nesta nova sociedade, assim como ele já tentou passar da natureza para a cultura, do animal para o humano. Chega “cagado e fedido” num bar de desamparados e bêbados de periferia, pede água e comida esperando como um bebê, que não tem que dar algo em troca. Essa noite aprende ou revive o que é a ameaça e a exploração das pessoas, que é: se curvar por necessidade ao desejo do outro.

Ele desenvolve o carisma de cozinheiro. Será para reter dentro dele a imagem de uma mãe cuidadora? Ele recebe lições, amplia o vocabulário com novas palavras e metáforas (“tocar a massa como a bunda da mulher”), tenta ampliar o universo simbólico, mas em vão... Sempre vão haver falhas que fazem dele um personagem ‘doidinho’, engraçado e às vezes simpático. Mas essas falhas denotam o fracasso ao acesso à ordem.

. Simbólico da língua

Nesse momento percebemos uma equação psíquica no personagem: eu vou dar de comer para não ser comido. Equação talvez antiga que organiza a vida dele de maneira precária. Tomando um dos sentidos comuns dessa equação, pode-se supor que ele sente pavor de ser aniquilado. Talvez castigado pelo pai, porque ele apareceu no mundo matando a mãe? Talvez, devorado por ele da maneira como Kronos fazia com seus filhos? Kronos significa Tempo para os gregos antigos. O Raimundo -não-nascido- tem que parar ou anular o Tempo, anular a presença do Nome do Pai? Reconheço que são especulações teóricas, mas eu não pude resistir.

Depois desse estabelecimento precário no bar, aparece ela, a Iria, com um corpo de deusa da fertilidade, mulher de todos os homens, que só quer comer, nesta sociedade que valoriza os corpos femininos anoréxicos e desafeminados. Eles dois falam de comida, ela pede umas coxinhas (outra metáfora), brincam e discordam sobre a palavra para descrever o macarrão. Finalmente ficam juntos, talvez porque Iria “dá comer para receber comida”, para apaziguar sua “fome” sem fim, para no final receber o alimento bom. Iria faz tudo, mas não beija. Talvez por medo de ser devorada? Ou simplesmente, porque a meta dela não é sexo?

Neste momento nosso herói nos lembra que as sensações, ligadas às pulsões, como fome, sede, sexo, além do afeto, da representação (e da memória que a representação contém), possuem também um destino social que estabelece uma hierarquia na sociedade e diferencia as pessoas. Assim vêm as palavras: comidas chiques, comida de ricos, comida de terras estrangeiras. Raimundo fica maravilhado como um ‘novo rico’ do simbólico.

Aparece então a proposta para irem a outro restaurante mais chique e mais familiar. O bar dos ‘bêbados’ vira Bocácio. Lá, Nonato aprende que não podemos chorar com pequenas coisas (cebola), que tem que perceber e achar os alimentos bons, “misturar”, “provar”, “separar bem a carne do boi” (algo que nunca aconteceu com delicadeza na vida dele). E talvez deste jeito o aleatório dos vários elementos se transforme em alimento com sentido (Lalíngua também?). Para Nonato o significado fica frequentemente vazio, se confunde ou toca nele como ressonâncias estranhas, arbitrarias. Assim Bocácio vira Bocacho palavra que ninguém entende: a frase “botar a tinta um tico antes de botar o prato na mesa” demonstra também apenas um fracasso do Simbólico, ou se transforma numa idéia oculta, mas apropriada para matar um pai simbólico.

Neste filme nós ouvimos muito o uso metafórico de palavras. Sobretudo palavras que se referem ao mundo pulsional. Assim a fome, a sede, o sexo parecem aqui o que originalmente são. Indiferenciadas. Vamos ao início agora: falar acerca do verbo comer. Ele vem do infinitivo latino comedere que se formou da base indo-européia “ed-” (base próxima do verbo dar) agregando o prefixo “com” (juntos) por entender que comer é um ato que se pratica preferentemente junto com outras pessoas. Em todas as línguas, no português também, tem uma profusão de expressões e metáforas usando esse verbo que além do fato de consumir comida elas têm um significado sexual ou agressivo ou os dois ao mesmo tempo.

Claude Lévi-Strauss observa que a formulação de uma metáfora se apóia na impressão de que existam ligações lógicas entre diferentes setores da vida, e isso acontece apesar do pensamento lógico que tenta em vão manter estes setores separados. (Le cru et le cuit). Para a psicanálise esta lógica carrega o carimbo do inconsciente. A particularidade nas metáforas que se referem ao significado comer-comida, é que estão em harmonia com o vivido pelo corpo. E a fala está encarregada de todos os significados que se referem ao objeto desejável.

Secundo Didier Anzieu (psycholinguistique psychanalytique), um lado da fala também é composto de

representações inconscientes da coisa (infra-verbais). Estas representações se articulam:

- graças às sensações que já vivemos,
- graças à sensação que geraram os movimentos musculares voluntários ou involuntários (cinestesia) que já experimentamos,
- graças ao sentimento geral de sensações interiores (koinesthesia) que já formamos,
- graças às imagens do corpo.

A subjetividade indizível, o Real, pode ser revelada apenas através do afeto e através das palavras-significantes que ele reveste. O afeto veicula o que se enraíza dentro do corpo, corpo libidinal que resiste à representação. Um afeto e suas palavras ligados á fome também. Estou com fome, mas de que exatamente? Temos fome apenas para comida?

A língua já define uma distância entre a palavra, o afeto, e o objeto. Ela impõe entre eles uma divisão, mas, ao mesmo tempo, conserva a tensão da união inicial deles. A língua fala do que não é específico do objeto, mas abre a porta para a presença desse objeto. Quero receber comida suficiente, mas qual comida exatamente? O que comemos exatamente na mesa redonda de uma conversa?

Vamos observar uma frase de perto: Um fala para o outro “eu dou comida para não ser comido”. Todos vamos concordar que o falante gramaticalmente quis dizer que “eu preparo e distribuo comida para não ficar no lugar do alimento”. Mas seguindo os traços das pulsões reveladas pelas metáforas linguísticas podemos ouvir também:

1. Angústia pela devoração
2. Medo por eventual invasão sexual (anal)
3. Ameaça do tipo: talvez assim eu me saia dessa, mas você, não
4. Presença de um mecanismo ativo de prevenção da invasão ou da devoração
5. Expressão de que a pessoa é o chefe da casa.

A língua dá todas essas possibilidades e outras mais; a fala revela, mas não explica qual é a possibilidade específica para o sujeito. E aqui, eu quero sublinhar a possibilidade talvez mais importante do nosso exemplo no filme: esta frase do exemplo não fala nada sobre o desejo do sujeito de comer os outros! Claro que estou me referindo à identificação projetiva. Talvez nem o sujeito saiba, mas o inconsciente dele, sim. Mas a fala faz mais uma coisa importante. Atrasa as consequências. Atrasa o tempo. Ela é nossa aliada para transformar o gozo do “aqui e agora” na elaboração do “lá e mais tarde”. Se a fala fracassa a pessoa mora num espaço privado, ficará muito longe do social.

Com o uso metafórico, a palavra “comer” de um lado conserva e por outro lado afasta o relacionamento corporal (ninguém vai ser comido). A metáfora nos leva ao campo do simbólico, já que ela é um tipo de substituto que exprime e transforma a representação dos movimentos pulsionais. Esses movimentos tendem para um objeto que a realidade define como inacessível, mas a força e a insistência do desejo conservam o objeto sempre presente. A falha do uso metafórico, simbólico da língua faz que o inconsciente invada de maneira crua o psiquismo.

Só podemos concordar com a frase de Lacan: “o símbolo se manifesta inicialmente como assassinato da coisa, e essa morte constitui no sujeito a eternização do seu desejo” (Ecrits, Seuil, 1966, p.320, p.319 em pt). Porque a falta criada pela vivência da primeira diferença põe em marcha o desejo. Qual é a primeira diferença que experimentamos todos? Satisfeito - não satisfeito. E essa primeira diferença surge, talvez principalmente, da comida.

Pensamos que o desejo aparece depois da perda, que é vivida como falta. Essa perda apóia as primeiras tentativas do sistema de representações que contem a dimensão do simbólico.

Dentro do sujeito a língua exprime e exila o desejo ao mesmo tempo. Esconde e revela a falta. Sublinha o prevalecer do registro simbólico. Como um modo de comunicação, a língua é o veículo do desejo de contato com os outros. Segundo Françoise Dolto o desejo passa, de maneira direta ou indireta; através da língua - pelas partes do corpo que entram em contato com o outro (L’Evangile). As palavras completam o vazio que há entre os corpos separados. As partes que foram nosso primeiro contato com os outros são a pele e a boca onde recebemos comida. A boca seria a parte corporal com mais significados, já que participa fisicamente do ping-pong perpétuo da falta e do desejo que se manifesta, entre outros, na fome, na sede, no sexo e, além disso, no exercício da língua. As metáforas sobre essas pulsões e as representações delas serviriam para tornar presente e satisfatória a falta originária vivida.

Acho que essa seria a explicação da profusão de expressões usando o verbo comer em todas as línguas. O estômago mesmo se ele é um “saco sem fundo” participa do processamento e envia sensações provenientes da comida e da bebida. O amor e tudo o que ele inclui (o incontornável do sexo) se processam dentro de nos, no coração, segundo as crenças populares - mas depois ter passado pelo estômago.

Nas civilizações, pouco a pouco um código comum se forma. Código esse que produz laços entre os seres falantes da mesma civilização, seres que compartilham as mesmas necessidades e as mesmas imagens coletivas interiores. Assim a língua materna (nunca dizemos paterna) é um produto psicológico coletivo que conserva traços de memórias de pulsões individuais, incluindo aí variedade de arranjos. E deste jeito a língua permite que esses traços e arranjos sejam adotados por todos. (Pequeno parêntese sem comentário: no Bumba meu Boi, Catirina exprime o desejo de comer uma língua do boi e isso traz problema para todo mundo).

Voltando ao nosso filme, Raimundo, acompanhando iria no lugar onde ela faz um show. Ele aprende que tomando uma bebida chique, (o Negrone), o 'instinto' escuro da agressividade se libera. Precisa também um pouco de an-gostura. A poção mágica que talvez transforme a ansiedade mal suportada em gostosura ou pior, em gozo. Resultado: ciúmes e briga entre homens pela posse de uma mulher, o tribal vence o social, Nonato fica ferido, Iria faz o curativo como uma mãe.

Mas o que faz esta sociedade nossa, colocando à nossa disposição tantos objetos de pulsões (consumo, alimentos, bebidas, drogas, sexo) que prometem, além da satisfação e do prazer, o status! Como nós aprendemos a moderação, o uso benéfico? Como aprender que a satisfação é apenas a primeira etapa para passar a uma etapa mais estruturante para o psiquismo e para o social? Uma vez, atingido o prazer o que nos alerta para a desmesura? Ou será que o além do prazer, o gozo mortífero, é a meta? Será que isso é uma maneira de tornar as pessoas indiferentes, obedientes, fáceis para manipulação? Como nós vamos encontrar as nossas leis interiores para harmonizá-las com as dos outros?

No filme Nonato propõe a Iria (a mulher nascida-com-fome- danada- de casar-se com ele). Nesse momento Iria estava comendo azeitonas, cuspiendo os caroços. Ao ouvir a proposta de casamento ela engole um caroço e se engasga. Eu ri muito com esta cena, porque eu pensei que no namoro é fantástico porque nós comemos a fruta até o caroço! Com o relacionamento - casamento as coisas são mais difíceis porque temos que engolir o caroço também, já que as coisas agradáveis caminham lado-a-lado com coisas mais duras. Porque a vida é assim, assim amadurecemos. Assim é a realidade. Não tem como - paciência!

Iria aceita e Nonato prepara o noivado... para depois Nonato a encontrar beijando na boca de Giovanni, o pai-patrão. Raimundo bebe, a besta de ciúme explode o vazio ameaça o não-nascido e ele se esvazia com o duplo assassinato: de Giovanni talvez pela ganância e pelo desejo de possuir e devorar todas as mulheres, condenando os outros à privação; e o assassinato de Iria pela traição que consistiu em beijar Giovanni na boca, de dar para Giovanni o que nela havia de mais "ético", mais "moral, mais civilizado?".

Mas a separação de Iria dói muito. Nonato mais uma vez tem que se separar, de maneira sangrenta, de uma mulher. E aí vem o canibalismo. Ele incorpora um pedaço dela, para guardá-la literalmente dentro dele, se alimentar dela como se ele fosse um animal, se unir com ela como se ela fosse uma deusa. Para adquirir-la. Porque somos o que comemos, segundo a crença popular arcaica, tribal, crença que chegou até os imperadores chineses e romanos, para não dizer até hoje. Não concordo com essa crença. É preciso uma análise talvez para entender que somos somente o relacionamento que temos com a comida, com a pulsão. Esta incorporação seria o procedimento arcaico da introjeção, mecanismo evoluído, presente no trabalho de luto, que é introjetar a imagem da pessoa perdida até de significar a perda num contexto simbólico.

A manifestação de incorporação de Nonato é um procedimento solitário, não cria laços sociais. Neste sentido é diferente da incorporação do corpo do pai arcaico da tribo, assassinado pela totalidade dos filhos ou do animal totêmico que Freud fala. (em totem e tabu e no mal estar da civilização). Este tipo de canibalismo, que introduz o sentimento de culpa também, cria laços sociais, forma a comunidade. Esse mesmo mecanismo estaria ainda hoje presente e bem simbolizado na comunhão da religião cristã ou outras formas de religião.

Mas, boa notícia: Nonato assa um pouco o filé porque partículas fragmentadas de uma ordem simbólica já se emprenharam nele, graças ao seu desejo de preparar a comida boa, talento ligado com a mãe dele. Depois de tudo isso, Raimundo Nonato vai para a cadeia.

Tempo dois... dentro

A história de Nonato se repete na cadeia. Ele chega lá, na cela – que parece quase uma tribo - tentando se reinventar para impor respeito aos outros e vencer o seu medo. Nonato Canivete. Fracasso: vira uma erva: Alecrim. Todos na cadeia só recebem alimento ruim. Nonato de novo dá de comer para não ser comido e sobe na hierarquia da cela. Ele admira o chefe porque ele tem o dom da comunicação, sabe ser cruel, sabe convencer, tem visitas de mulher. Ele quer pegar o lugar dele.

Mas desta vez ele controla as forças da satisfação imediata um pouco mais do que ele fazia lá fora. Nessa situação de privação extrema, ele começa a pensar, a observar os outros e os motivos deles, sabe esperar, premeditar, vencer as armadilhas. Dentro da prisão aprende que a lei é corrupta e que tem que negociar. Dentro da cadeia fica em contato com cheiros ruins que denotam o lugar mais baixo da hierarquia e reinventa a escala de hierarquia sexual. A agressividade proveniente da pulsão dita anal foi elaborada com a ajuda do gorgonzola. Dentro deste mundo fechado aborda novamente a questão da bebida, da sorte, da ambição (jogos de carta). Então ele sai um pouco do aleatório, tenta formar um destino, para entrar no espaço quadrado do xadrez, o espaço da elaboração, do cálculo, da premeditação.

E lá vem a ironia profunda do filme. A cabeça primária de Nonato Alecrim sai do mundo dos prazeres sem limite e sem regras da sociedade, para então se solidificar um pouco com elaborações secundárias dignas das privações e das faltas que impõe a cadeia, o xadrez da vida.

Então com a posição de preparar e distribuir a comida, no momento de um festim de 'danados', no meio de discursos (inscritos mesmo na pele) sobre a violência no meio de negociações com a "merda" da vida real e o excremento que resulta mesmo do alimento bom (como Iria!), Alecrim envenena o pai cruel para ocupar o lugar dele. E desta vez sem ficar preso. Eis aqui um tipo de progresso em nossa sociedade!

Sim, sem dúvida nosso Alecrim é um serial killer, uma pessoa que da natureza não passou para a sociedade, do mundo animal não se transformou em ser humano. Entretanto estou convencido que por trás de um serial killer há sempre um bichinho com mente de eterno 'enfant'. Nesse meio tempo nós podemos nos defender e tentar educar de algum jeito esse bichinho apavorado que se perdeu. Esse passarinho em forma de Pica-pau.

Epílogo: a montagem

Em minha opinião esse filme está dizendo que: Lá fora, dentro do mundo das inúmeras possibilidades, tudo ensina a gozar. Lá, dentro da cadeia, fora do gozo da comunidade, aparece a privação e tudo nos leva à elaboração. O filme conta a história usando o tempo linear, matemático, mas a montagem do filme justapõe um segundo tempo, também linear, que provoca uma confusão no início, narrando a continuação dos primeiros eventos. Nesse segundo tempo, tempo paralelo, percebemos que a história mais ou menos se repete. Nós descobrimos também que o espaço "fora ou dentro do corpo", "fora ou dentro do mundo" tenta modelar as representações das pulsões. O núcleo permanece o mesmo, mas as manifestações das pulsões tentam se transformar, talvez se educar. O espaço e o tempo ajudam, mas precisam de algo mais que o aleatório.

Não esqueçamos que nós humanos percebemos o tempo de duas maneiras: Primeira: a maneira subjetiva, psicológica, da percepção. Segunda: a maneira objetiva, mensurável com as horas e as datas, o tempo na matemática.

Viver dentro do tempo é o elemento unificador da nossa consciência. O tempo oferece uma sensação de identidade dentro da experiência de situações emocionais descontínuas. É a nossa medida para a experiência de mudança. O tempo, e o espaço também, tentam elaborar as representações, não o núcleo das pulsões.

Para a psicanálise, o tempo é apenas um modo de funcionamento do consciente. Observamos que para o ansioso o tempo corre rápido, para o depressivo o tempo parou para o psicótico o tempo não existe, se confunde.

Freud em 1915 nos "tratados de metapsicologia" afirma que os procedimentos no inconsciente são atemporais, quer dizer, não tem ordem no tempo, não se modificam com o tempo, não se relacionam com ele. Mais tarde Freud (1933) insiste: "Pulsões cheias de desejos que nunca ultrapassam o Id, mas também impressões que foram recalçadas no fundo do Id são potencialmente imortais; mesmo que décadas se passem, elas se comportam como tendo acontecido recentemente. Somente quando, com a ajuda da psicanálise, elas são elaboradas, podem então ser reconhecidas como pertencentes ao passado, perdendo sua importância, e se despem de seu investimento libidinal".

O filme narrou bem a história individual, social e política, rondando eloquentemente a história indizível do tempo zero, do tempo originário, a fonte de tudo isso. Eu acho que é de lá que vem o sentimento desamparado dos espectadores. Essa alegoria mostrou bem o mal estar social também. Podemos nos perguntar "vamos continuar comendo hóstias de um pai assassinado em comum?" A ansiedade sobre o futuro do laço social fica toda para nós. De lá vem o sentimento de incômodo dos espectadores. Talvez...

Petros Stasinou, Mestre em Psicologia Social EHESS

Lançamento "Autismo(s) e atualidade: uma leitura lacaniana"

No lançamento do livro "Autismo(s) e atualidade: uma leitura lacaniana", na Delegação Geral GO/DF, compareceram integrantes da DG, estudantes e profissionais de Psicologia. O evento foi produtivo por ter abordado as discussões atuais sobre o tema e os principais posicionamentos da Psicanálise de Orientação Lacaniana sobre o assunto.

Giovana Heinemann contextualizou a problemática sobre o atendimento do autismo na França, bem como a influência exercida sobre os pais de autistas contra a Psicanálise. Ela ressaltou a importância do combate às iniciativas que objetivam impedir a atuação de psicanalistas e as estratégias utilizadas no âmbito da AMP e EBP, dentre as quais se destacam a "Petição Internacional", as publicações em *Lacan Cotidiano*, o site *Autismo(s)* e o lançamento do livro.

Giovana citou Cristina Drumond acerca da "atualidade da discussão do autismo, no âmbito da AMP, para aqueles que não querem fazer dos autistas seres portadores de um déficit a ser educado ou um objeto alienado do mundo". Ela lembrou que, no verbete "Autismo", publicado no *Scilicet* do VIII Congresso da AMP, Sílvia Elena Tendlarz destacou que o autismo não deve ser apreendido pela soma de sintomas, já que não "se trata de uma enfermidade, mas de um funcionamento subjetivo singular".

Nessa mesma linha, Ceres Lêda F. Rubio e Rosângela Ribeiro apontaram a necessidade de considerar o sujeito no atendimento ao autista bem como sua relação com a linguagem e com o gozo. A posição ética orienta que, na abordagem do autismo, deve-se apostar nas soluções singulares do sujeito para lidar com o gozo.

Rosângela apresentou o capítulo "Autismo: uma leitura para além dos limites do simbólico", em que as autoras, Rosane Padilla e Louise Lhullier, argumentam que o autista está na linguagem apesar de estar fora do discurso. No autismo, "não há gozo localizado nem no Outro nem em um órgão do corpo, mas, antes, um corpo que goza por inteiro, indiferenciado, tomado por uma excitação mortífera".

Nesse sentido, a debatedora argumentou que, no autismo, não há alienação à imagem especular e, portanto, não há imaginarização do corpo. Além disso, o autista também não passa pela castração, que constitui o simbólico. Assim, fica imerso no real. O Outro existe para o autista, mas opera sem inscrição da falta.

Ceres registrou a importância do livro, uma vez que o material sobre o tema é escasso e a Psicanálise aponta um modo de abordar o autismo. Ela apresentou o artigo "A questão do autismo", onde Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros argumenta que é preciso saber ler os recursos utilizados pelas crianças autistas. "A questão que se coloca é: como introduzir um menos, que, embora não se inscreva como falo, como falta produzida no simbólico, possa tornar suportável a presença do outro e dos objetos que entram em circulação com sua presença?" Como introduzir um menos que torne suportável o laço social?

Jaqueline Coelho

Intercâmbios

Acontecimento cheio de entusiasmo, o intercâmbio presencial entre as bibliotecas das 4 seções da Eol, as 6 seções da EBP e as delegações de Paraíba, Goiás e Paraná foi e está sendo inédito. A EOL Buenos Aires recebeu 33 revistas do Brasil, algumas preenchendo faltas históricas do catálogo previamente levantadas por Mônica Wons (diretora da Biblioteca Eol-Buenos Aires) e o maravilhoso bibliotecário Javier Scheinkestel, peça chave de esta operação. Da Eol Córdoba recebemos a notícia de que 13 revistas da EBP já estão nas suas mãos enquanto que 9 Mediodicho já esperam leitores nas estantes das seções da EBP. Queremos agradecer a viva voz o empenho de Andrea Reis Santos (RJ), Frederico Feu de Carvalho (MG), Maria Bernadette Soares de Sant'Ana Pitteri (SP), Soraya Valerim (SC), José Lapenda (PE), Iordan Gurgel (BA), Ordália Alves Junqueira (DG Goiânia), Cleide Pereira Monteiro (D. Paraíba). Da Eol expressar o agradecimento para Marta Ricciardi (Rosário), Jorge Assef e Graciela Diosque (Córdoba) e Guillermina Ritsch (Santa Fe). Fernanda Otoni de Barros Brisset, Iordan Gurgel, responsáveis os nossos intercâmbios e o bibliotecário de Santa Catarina, Edson Mohr, merecem agradecimento especial. Resta dizer que outras bibliotecas não incluídas formalmente no convênio de intercâmbio com a EOL

recentemente atualizado se beneficiaram também do alvoroço. Maranhão, por exemplo, recebeu 7 exemplares da Argentina assim como Ushuaia, Peru, a Biblioteca Descartes, a biblioteca de La Plata, etc. Prometemos dados mais precisos em próximo número já que há materiais viajando por correio postal. Continuará...

Expediente

Responsável Comissão Editorial: **Marcela Antelo**. Equipe: **Ana Martha Maia, Frederico Feu de Carvalho, Fernanda Otoni, Jordan Gurgel, Maria Josefina Fuentes, Ondina Machado** (Diretora Secretária da EBP)

Escola Brasileira de Psicanálise

Rua Felipe dos Santos 588, Lourdes, Belo Horizonte, MG
Telefone: 31-32927563

ebp@ebp.org.br - www.ebp.org.br

